

MORT DE FRÈRE HENRI, UN LAS CASAS DE NOTRE TEMPS

Nous avons reçu aujourd'hui, avec tristesse, la nouvelle de la mort du Frère Henri des Roziers, un frère dominicain qui a travaillé pendant près de 40 ans à lutter contre l'esclavage, pour la réforme agraire, et les droits de l'homme au Brésil. Henri est mort à Paris, au couvent où il a passé les 4 dernières années de sa vie, avec une santé fragile, mais avec toute sa conscience et une enviable alacrité. Source d'inspiration commune pour un grand nombre, Henri a rassemblé à ses côtés une centaine de personnes, faisant de leurs actes individuels des gestes collectifs de lutte et de résistance. Sa vie a toujours été une vie politique. Et il exhortait toutes et tous à agir de même, montrant le chemin qu'il avait lui-même suivi : les grandes utopies de la liberté, l'expérience radicale de la foi telle qu'incarnée de leur vivant par des gens comme Antonio Montesino et surtout Barthélémy de Las Casas, qui fut sa source d'inspiration tout au long de sa vie, " *J'ai essayé de vivre comme lui* ", confesse-t-il dans les dernières pages du livre biographique *Comme une rage de justice*, publié en France en 2016 aux Editions du Cerf (qui devrait sortir prochainement au Brésil).

Henri est membre de la *Commission Dominicaine Justice et Paix du Brésil*. Plus que cela : il a été l'un de ses créateurs. A notre intention, il insistait sur l'importance de la stratégie et de l'articulation. Il fut donc un constructeur de ponts, dont le ciment était l'espoir mis dans la lutte pour la justice. Dans cette tâche, il a réuni des mondes apparemment incommunicables. Il fit en sorte que puissent se rencontrer l'étudiant français de la Sorbonne de mai 68 et les *sans terre* du sud du Para ; que les jeunes *Katangais* puissent partager leurs destinées avec celle de jeunes victimes de l'esclavage en Amazonie ; que des avocats de Haute-Savoie servent d'exemple à des avocats du nord du Brésil ; que des frères français puissent se reconnaître en Tito de Alencar, ou dans les jeunes frères brésiliens en lutte contre la dictature ; que l'humanisme chrétien se rencontre avec la théologie de la libération ; que Congar, Chenu et le cardinal Arns soient assis à la même table ; que le Centre Saint-Yves et la CPT se reconnaissent mutuellement ; que l'autorité juridique de l'avocat s'unisse, finalement, à l'autorité morale du religieux ; que le droit soit, en définitive, le droit des pauvres. Ainsi, Henri a-t-il vécu sa vocation jusqu'à l'extrême, donnant un sens à sa vie comme peu l'ont fait. Son "pied de vigne", c'est Tito de Alencar, Tomas Balduino, Lilia Azevedo et la Soeur Revy, parmi d'autres frères et sœurs qui se sont inspirés l'un l'autre.

C'est avec des mots embrouillés de son accent français et avec des vêtements déchirés qu'il se présentait devant les tribunaux pour défendre des gens sans défense contre l'impunité. Avocat des causes de la terre, il connaissait de près les victimes et leurs douleurs. Il en a fait sa stratégie de lutte, sans jamais se laisser impressionner par les nombreuses menaces qu'il a endurées. Au contraire, chaque fois que son nom apparaissait sur la liste des "personnes marquées pour mourir", la lumière de ses petits yeux brillait avec plus de force. Cette source de lumière animait quiconque était à ses côtés.

Henri est mort dans sa chambre du couvent Saint Jacques, où se trouve la célèbre bibliothèque du Saulchoir (visitée par Foucault et bien d'autres) à Paris, en face de la fenêtre derrière laquelle se répandaient les feuilles dorées d'un grand arbre, qu'il ne se lassait pas de contempler, et qui venaient mourir doucement contre la vitre. Cet arbre automnal annonçait le sort de l'homme qui, à l'automne de sa vie, se flétrit comme les feuilles des arbres. Mais, de même qu'elles perdent en beauté pour devenir le ferment de vies nouvelles, ainsi se prolonge la vie d'Henri. Pour celui qui demeure, viennent d'autres saisons, de la vitalité et du déclin. Pour lui rendre hommage, nous continuerons à contempler les arbres, attentifs aux saisons, en prenant soin du temps qui est le nôtre. Bien qu'une partie d'entre nous soit morte aujourd'hui avec Henri, une autre rajeunit avec lui. En silence, les larmes aux yeux, nous cueillerons les fruits et les bonnes semences du monde à venir. Henri sera avec nous. Cet arbre était sa dernière leçon.

**Mensagem da Comissão Dominicana de Justiça e Paz do Brasil
sobre o falecimento do Frei Henri de Roziers**

MORRE FREI HENRI, UM LAS CASAS DE NOSSOS DIAS

Recebemos hoje, com pesar, a notícia da morte de Frei Henri des Roziers, frade dominicano que trabalhou quase 40 anos no combate ao trabalho escravo, na luta pela reforma agrária e pelos direitos humanos no Brasil. Henri morreu em Paris, no Convento onde passou os últimos 4 anos de sua vida, com saúde frágil, uma atenção plena e uma alegria invejável. Fonte de inspiração de uma grande quantidade de pessoas, Henri reuniu ao seu lado uma centena de gente que conspira e se inspira conjuntamente, que se encontra em torno da vida desse homem que fez dos seus atos individuais, os gestos coletivos de luta e de resistência. Sua vida foi, sempre, uma vida política. E esse foi o convite que ele dirigiu a todos e todas. E para isso, mostrava o caminho que ele mesmo seguira: as grandes utopias da liberdade, a radical experiência da fé encarnada vivida por pessoas como Antonio Montesino e, principalmente, Bartolomeu de Las Casas, cuja inspiração Henri encarnou vivamente ao longo da vida: “eu tentei viver como ele”, confessara nas páginas finais do livro biográfico *Comme une rage de Justice*, publicado na França, em 2016, pela Editora Le Cerf (previsto para ser lançado, em breve, no Brasil).

Henri é membro da COMISSÃO DOMINICANA DE JUSTIÇA E PAZ DO BRASIL. Mais do que isso: foi um dos seus idealizadores. Entre nós, ele insistia na importância da estratégia e da articulação. Foi, por isso, um construtor de pontes, cujo cimento era a esperança na luta pela Justiça. Nessa tarefa, uniu mundos aparentemente incomunicáveis. Ele fez o estudante francês da Sorbonne de maio de 68 se encontrar com o sem-terra do sul do Pará; ele fez com que os jovens Katangais compartilhassem seus destinos com os jovens vítimas do trabalho escravo da Amazônia; que advogados do Haute-Savoie servissem de exemplo para os advogados do norte do Brasil; que os frades franceses se vissem em Tito de Alencar e nos jovens frades brasileiros que lutavam contra a ditadura; que o humanismo cristão se encontrasse com a teologia da libertação; que Congar, Chenu e o Cardeal Arns sentassem à mesma mesa; que o Centro Saint-Yves e a CPT se reconhecessem reciprocamente; que a autoridade jurídica do advogado se unisse, afinal, à autoridade moral do religioso; que o direito se encontrasse, afinal, com os pobres. Assim, Henri viveu sua vocação ao extremo e deu sentido à sua vida como poucos conseguiram. À sua cepa pertence gente como Tito de Alencar, Tomás Balduino, Lília Azevedo e Irmã Revy, entre outros irmãos e irmãs que se inspiraram mutuamente.

Foi com palavras embrulhadas por um sotaque francês e com roupas rotas, que ele frequentou tribunais para defender as gentes sem defesa contra a impunidade. Advogado das causas da terra, ele conhecia de perto as vítimas e suas dores. Fez disso a sua estratégia de luta e nunca esmoreceu diante das muitas ameaças que sofrera. Ao contrário, toda vez que seu nome aparecia nas listas dos mercados para morrer, a luz dos seus olhos pequenos brilhavam com mais força. E era essa fonte de luz que animava quem estava ao seu lado.

Henri morreu no quarto do Convento Saint Jacques, onde está a famosa biblioteca dos Chorões (visitada por Foucault e tantos outros) em Paris, diante da janela, por onde se esparramava uma árvore frondosa, cujas folhas douradas ele não cansava de contemplar e que vinham suavemente morrer contra a vidraça do quarto. Aquela árvore outonal prenunciara o destino do homem que, no outono da vida, murchava como as folhas. Mas como elas, também declinava com beleza, tornando-se fertilizante de outras vidas. Como aquela árvore, a vida de Henri se prolongou nos seus adubos. A quem fica, restam outras estações, vitalidades e declínios. Para homenageá-lo, continuaremos contemplando as árvores, atentos às estações, cuidando do tempo que é nosso. Embora uma parte de nós morreu com Henri hoje, uma outra com ele se rejuvenesce. Em silêncio, olhos marejados, colheremos os frutos e as boas sementes do mundo que há de vir. Henri estará conosco. Aquela árvore foi sua última lição.

Goiânia, 26 de novembro de 2017

Coordenação da Comissão Dominicana de Justiça e Paz do Brasil